

ARROWSWINGWINDOW

SETA BALANÇO JANELA

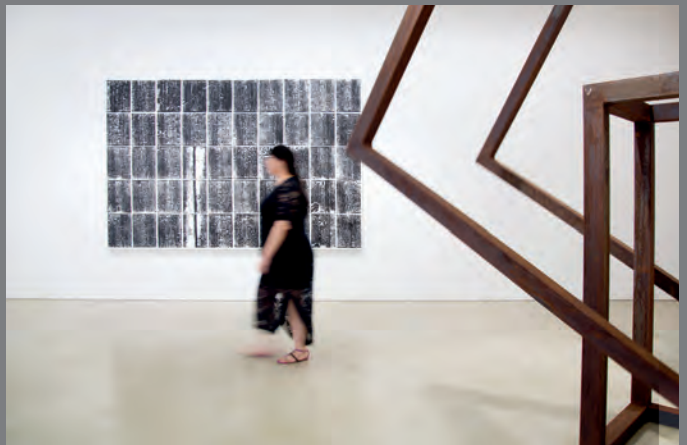
2018 - RIO DE JANEIRO, LURIXS: ARTE CONTEMPORÂNEA

+

Curated by Eucanaã Ferraz, the exhibition *Seta Balanço Janela* was the artist's seventh solo show with *LURIXS: Arte Contemporânea* (Rio de Janeiro), but the first at the gallery's new space. Between September 20 and November 3, 2018, the exhibition occupied the three-year-old gallery, and was produced in three different languages – photography, sculpture and painting. According to the curator, a “strange game of proportions” was staged, in which the three works – arrow swing window – “seem disproportionate to the space”. The photograph *Seta derua Joaquim Selva* brought to LURIXS a record produced in 2017 of the mural made by the artist in front of his studio on Rua Joaquim Silva (Rio de Janeiro); the corten steel swing-sculpture continued the artist's research into the field of kinetic sculptures; while the large-format painting (2 x 4 m) resumed the series *Windows*. Three other works, also original, occupied the spaces that center around the main room, revealing the recent research by the artist into small sculptures, based on the limited use of material resources: steel, brick, glass and stone.

+

Com curadoria de Eucanaã Ferraz, a exposição Seta Balanço Janela foi a sétima individual do artista com a LURIXS: Arte Contemporânea (RJ), a primeira no espaço novo da galeria. Entre 20 de setembro e 3 de novembro de 2018, a mostra ocupou a galeria térrea com três obras, realizadas em três diferentes linguagens – fotografia, escultura e pintura. Segundo o curador, promoveu-se um “estranho jogo de proporções”, no qual as três obras – seta balanço janela – “parecem desproporcionais em relação ao espaço”. A fotografia Seta derua Joaquim Selva levou para a LURIXS um registro realizado em 2017 do mural feito pelo artista em frente a seu ateliê na Rua Joaquim Silva (RJ); a escultura-balanço em aço corten dava prosseguimento às suas pesquisas no campo das esculturas cinéticas; e a pintura de grande formato (2 x 4 m) retomava a série das Janelas. Três outros trabalhos, também inéditos, ocuparam os espaços que gravitam em torno da sala principal, revelando pesquisas recentes do artista em pequenas esculturas, baseadas no uso restrito de recursos materiais: aço, tijolo, vidro, pedra.



Vista parcial da exposição
Partial view of the exhibition

Eucanaã Ferraz - arrow swing window

The title of the exhibition is explicit, better yet, it makes the exhibition explicit. It says it all. All is synthesis. All in 1. All in 3.

The exhibition examines powerful tropes - *idée fixes* - in the work of Raul Mourão: *arrows, swings and windows*. In a sense, we are presented with a retrospective composed of new works, only 3, at the gallery's main exhibition hall. Such is the economy proposed by the artist and the curator: to materialize in a few, in so very few, works, a universe that is numerous, complex and ample. An arrangement that is a counterpoint to saturation. Instead of narrative flow, here are combination and synthesis, the traits of poetry. The ideas may be fixed, (and, as João Cabral de Melo Neto wrote, are "good for using") but they unfold through constant research, and through their unique paths lead, at certain points, to material formulations that meant exiting the studio: forms, volumes, powers that demand contact with the public, that demand new senses, dialogues. Here are thus investigations in their current state that also resonate with the memories of a fascinating output.

In 1989, Raul Mourão started to photograph *arrows* in street signs used in public works in a number of cities. In 2001, he began to paint arrows, decontextualized and free of their function, they were translated into a state of brute geometry. In 2016, however, Mourão moved the arrows "back" to the streets, when he used a long wall in front of his studio, in Lapa neighborhood, as a support for a sequential painting; form was liberated from its utilitarian origins, released from its geometric isolation, now repeating in patterns. In 2017, his work "migrated" back from the streets to his studio: Mourão photographed the entire wall he had painted, creating a total of 18 images that reconstruct the entire work, now also bearing the marks of the passage of time as well as random interventions. One of these photographs is part of the exhibition.

The *swings*, or kinetic sculptures, have become the protagonists of Raul Mourão's collected works. One of them, made of corten steel, its imposing presence in the gallery's main exhibition room, is especially eloquent of the experience we are proposing here: an unsettling play on proportions, in which the 3 works - *arrow, swing, and window* - seem disproportionate to the space around them. By setting aside the requirements of a faithful portrait of the urban environment, we tried to first create a certain feeling: that the city came directly into the gallery, without even obliging to shrink down to size. Although the trio - *arrow, swing and window* - give the impression of failing to enter into harmony with the room, just as surely, we see no clash among the elements of this group. We recognise a landscape in these fragments, not a literal one, but one that is interpreted, one that also looks back at us, and receives us in its strangeness.

The great swing "unfolds" into another 3 shown outside the gallery and in the spaces that surround the main room. Outside, to a

seta balanço janela

O título da exposição é explícito, ou, ainda, explícita o que está exposto. Tudo está aí. Tudo é síntese. Tudo é 1. Tudo é 3.

A mostra examina vertentes poderosas - *ideias fixas* - do trabalho de Raul Mourão: setas, balanços, janelas. Uma espécie de retrospectiva, portanto, mas composta por obras inéditas, apenas 3, na sala principal da galeria. Eis a economia proposta por artista e curador: a materialização em pouco, muito pouco, do que é numeroso, complexo, dilatado. Um arranjo, portanto, oposto à saturação. Em vez de fluxo narrativo, a combinação e a síntese características da poesia. As ideias são fixas (e têm "serventia", como escreveu João Cabral de Melo Neto), mas se desdobram em constante pesquisa e, ao longo de seus percursos singulares, chegam, num certo momento, a formulações materiais que exigem a saída do ateliê: formas, volumes, potências reclamam o contato com o público, demandam novos sentidos, diálogos. Aqui estão, portanto, investigações em seus estágios atuais, mas que repercutem a memória de uma obra fascinante.

Em 1989, Raul Mourão começou a fotografar setas de sinalização de obras em ruas de várias cidades. Em 2001, passou a pintar setas, e assim, descontextualizadas e livres de função, passaram a um estado de geometria bruta. Em 2016, no entanto, o artista fez as setas "retornarem" à rua, quando um longo muro defronte a seu ateliê, na Lapa, serviu de suporte para uma pintura sequencial; a forma permanecia livre do utilitarismo de origem, mas saíra do isolamento geométrico para se repetir como um padrão. No ano seguinte, o que estava na rua "voltou" ao ateliê: o artista fotografou todo o muro que pintara, num total de 20 imagens que reconstituem toda a obra, marcada então pelo tempo e por intervenções aleatórias. É uma dessas fotografias que está em exposição agora.

As esculturas cinéticas - ou balanços - tornaram-se protagonistas no conjunto da obra de Raul Mourão. Uma delas, em aço corten, impõe-se na sala principal da galeria como a peça mais eloquente da experiência que propomos aqui: um estranho jogo de proporções, no qual as 3 obras - seta balanço janela - parecem desproporcionais em relação ao espaço. Desconsiderando as demandas de um retrato fiel do ambiente urbano, buscamos antes criar certa sensação: a de que a cidade entrou pela galeria sem fazer a concessão de se miniaturizar. Mas se o trio - seta balanço janela - dá a impressão de estar em desarmonia com a sala, decerto o olhar experimenta a ausência de conflitos entre os elementos do conjunto. Diante desses poucos fragmentos, reconhecemos uma paisagem não literal, mas interpretada, que também nos vê, e que nos acolhe em sua estranheza.

Mas o grande balanço se "desdobra" em outros 3, expostos do lado de fora da galeria e nos espaços que gravitam em torno da sala principal. Na parede lateral da fachada, o jogo proposto parece

side of the facade, there seems to be an inversion of what is at play inside the exhibition where the works seem too large for the environment. Outside, with ample space for a large piece, there is a tiny work, leaving the entire front deck free, an area that connects the street, the sidewalk, and the gallery entrance. It is doubtlessly an urbanistic choice, a simple one, that is nevertheless very suggestive, that is fully coherent with Raul Mourão's work, always aware of the city and its spacial and symbolic uses.

The sculpture placed there, of admirable simplicity, a pile of bricks with a steel swing on top, is the result of Mourão's recent research into materials, objects and kinetic possibilities. The work's most immediate dialogue manifests itself with the other piece inside the gallery, a bottle that is almost floating, a development of the series shown in the *In my opinion* exhibition at Plutschow Gallery in Zurich (2017). In his previous work, the bottle and the steel structure comprised the two formal elements of the work, that rested on a base. Now, however, it all became structure, a single drawn object – Raul is a sculptor draftsman, as much as a draftsman sculptor – against the vertical plane of the wall.

The third swing encases a stone. But the mineral element here is not to be taken as a refusal or as aggressiveness. Held up by a pendular structure, the stone expresses an invitation, offers itself to us. Time and nature at the reach of our hands. Could anything be more generous?

The elegance of these works, minimal and expressive of their restrictive use of material resources summon the economy of a haikai; their serene and austere geometry is reminiscent of Volpi; their formally rigorous humility evokes the poetry of Manuel Bandeira. For those of us used to the large scale sculptures of Raul Mourão often shown in public spaces, and who expect his works to be yet another pointed response to the violence of contemporary urban experience, it is surprising to see that the response continues, but that now it goes in the opposite direction.

It was in 2014 that *windows* first emerged in the work of Raul Mourão. Although his initial process was similar to monotyping, the images he obtained did not result from the more common process of painting something on a surface and subsequently pressing it on paper. As a technique it was closer to a stamp, but did not entirely give up the traditional processes of painting, in between complete abstraction and a suggestion of figurative art. Mourão's research took many paths, shown at different times. Now, painting takes ownership of its physical strength, and the canvas, of new scale in his trajectory, shows its material power as an efficient support and also as an object that is filled with history.

arrow swing window – photography, sculpture and painting. Long trajectories, yes, but here, as mentioned before, instead of narrative flow, a combination and synthesis that is the mark of poetry.

ser o avesso do que se passa dentro, onde as obras parecem demasiado grandes para o ambiente; do lado de fora, onde haveria lugar para uma grande escultura, apenas uma obra de pequeníssima dimensão deixa livre o deck de entrada, integrando a rua, a calçada e o acesso da galeria. Trata-se de uma operação sem dúvida urbanística, singela, mas plena de sugestões, em total coerência com a obra de Raul Mourão, sempre atento à cidade e à sua ocupação espacial e simbólica.

*A escultura que se vê ali, notável em sua simplicidade, é um empilhamento de tijolos encimado por um balanço em aço, resultado das novas pesquisas do artista quanto a materiais, objetos e possibilidades cinéticas. O diálogo mais imediato da obra se dá com outra do interior da galeria que apresenta uma garrafa quase em estado de flutuação, um desenvolvimento da série apresentada na exposição *In my opinion*, na Plutschow Gallery, em Zurique (2017). Antes, garrafa e estrutura de aço constituíam os dois elementos formais da obra, que então repousava sobre alguma base. Agora, no entanto, tudo se tornou estrutura, objeto único, desenhado – Raul é um desenhista escultor tanto quanto um escultor desenhista – contra o plano vertical da parede.*

O terceiro balanço incorpora uma pedra. Mas a mineralidade aqui não se confunde com recusa ou agressividade. Antes, presa a uma estrutura pendular, a pedra nos faz um convite, oferece-se ao nosso gesto. Tempo e natureza ao alcance de nossa mão. O que poderia ser mais generoso?

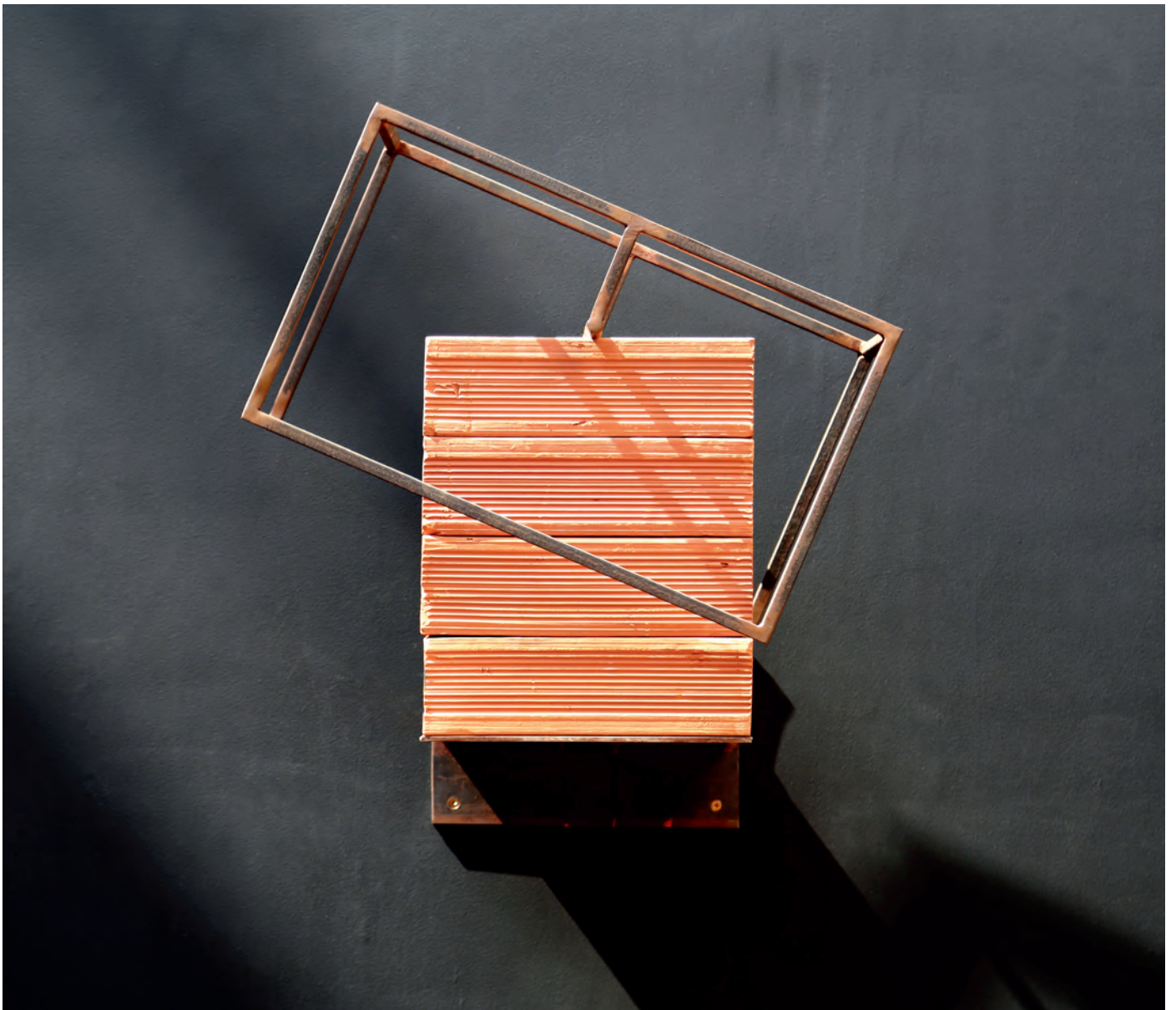
A elegância dessas obras, mínimas e expressivas em seu uso restrito de recursos materiais, faz lembrar a economia de um haikai; a geometria austera e serena remete a Volpi; a humildade formalmente rigorosa reporta-nos à poesia de Manuel Bandeira. Para quem se acostumou às esculturas de grande tamanho de Raul Mourão, muitas vezes expostas em espaços públicos, e espera que suas obras sejam mais uma resposta contundente à violência da experiência urbana contemporânea, é uma surpresa ver que a resposta permanece, mas agora em direção contrária.

As janelas surgiram na obra de Raul Mourão a partir de 2014. Muito embora ele partisse de procedimentos similares aos da monotipia, a imagem obtida não resultava do processo mais comum de pintar algo numa superfície para depois comprimi-la com o papel. A técnica estava mais próxima do carimbo, mas não abdicava inteiramente dos procedimentos tradicionais da pintura, entre a abstração total e a sugestão figurativa. A pesquisa tomou vários rumos, expostos em diferentes momentos. Agora, a pintura assume sua força física, e a tela, em dimensões ainda não experimentadas pelo artista, exhibe sua potência material como suporte eficiente, mas também como objeto pleno de história.

seta balanço janela – fotografia, escultura e pintura. Longos percursos, sim, mas aqui, como já foi dito, em vez de fluxo narrativo, a combinação e a síntese características da poesia.



Vista parcial da exposição
Partial view of the exhibition



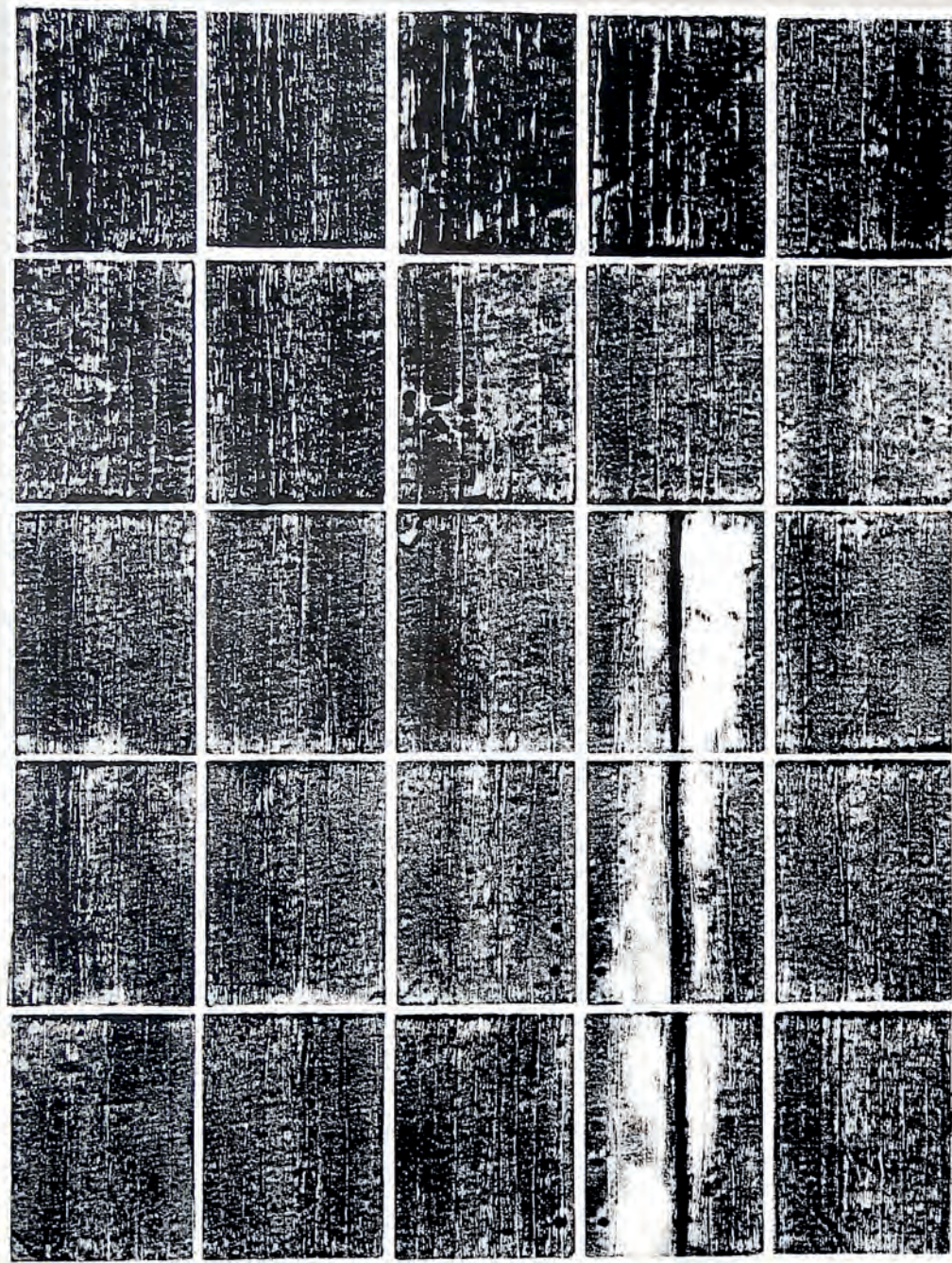
Tijolo
Brick
2018
aço 1020 com resina sintética
1020 steel with synthetic resin
46 x 50 x 37 cm



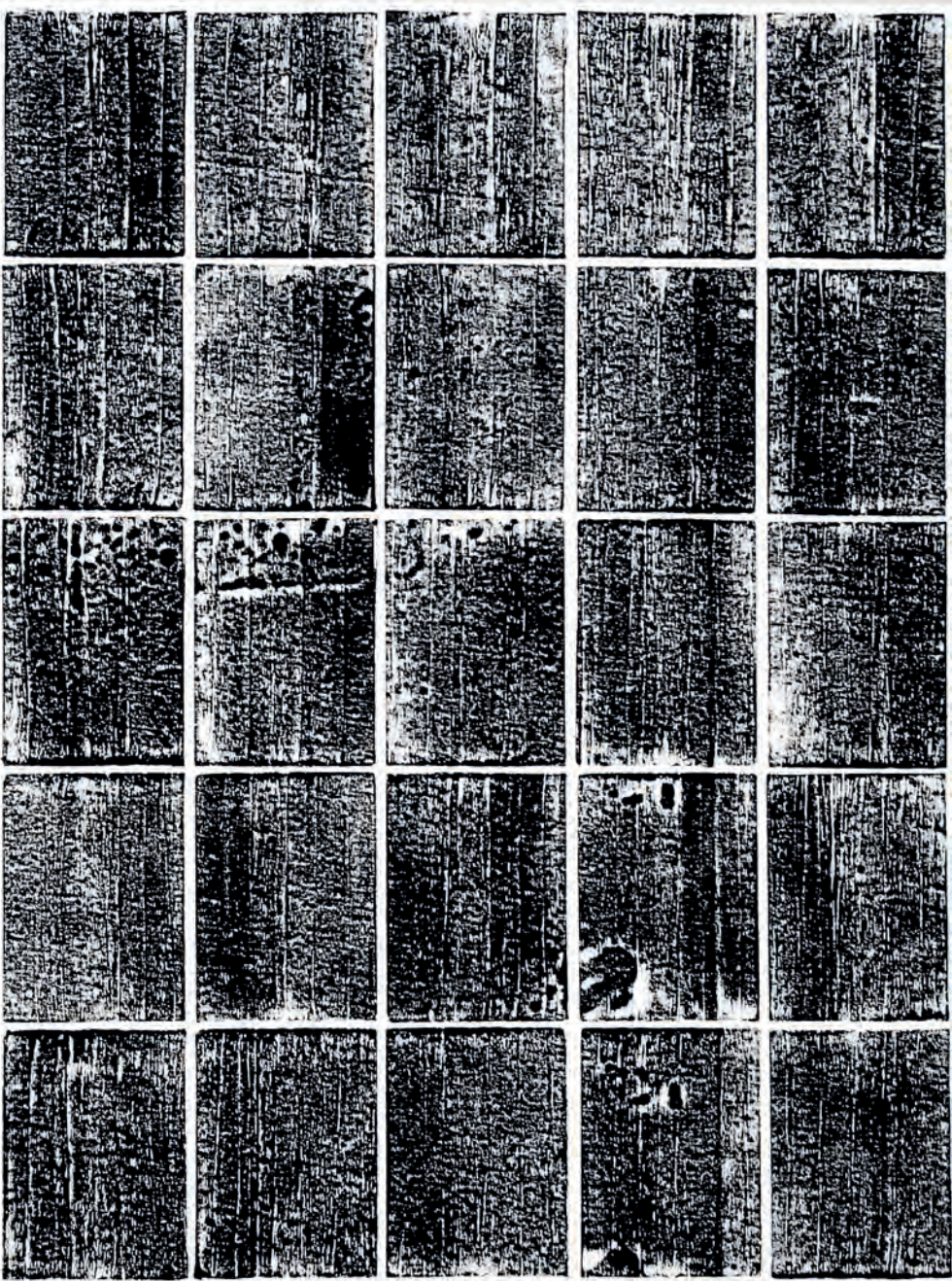
Sem título
Untitled
2018
tinta acrílica sobre tela
acrylic paint on canvas
200 x 300 cm



Gelo #8
Ice #8
2018
aço corten
corten steel
250 x 250 x 150 cm



Sem título
Untitled
2018
tinta acrílica sobre tela
acrylic paint on canvas
200 x 300 cm





102

Gelo #8
Ice #8
2018
aço corten
corten steel
250 x 250 x 150 cm



Setaderua Joaquim Selva #2
Rua Joaquim Selva arrow #2
2017
pigmento mineral sobre papel de algodão
mineral pigment on cotton paper
220 x 146,5 cm



Gelo #8
Ice #8
2018
aço corten
corten steel
250 x 250 x 150 cm





